

Unidade II

3 UMA NOVA ÉTICA PARA O CAPITALISMO

Um dos empresários mais icônicos do século XX, Bill Gates iniciou sua carreira praticamente na garagem de casa. Com um perfil que hoje chamamos de *nerd* (geniozinho), ele e seu colega Paul Allen programavam computadores aos 15 anos de idade, em um tempo em que esse equipamento era utilizado apenas por grandes empresas. Depois de ter entrado e saído de Harvard sem conseguir se formar, Gates deu o grande passo na sua vida: convenceu a gigantesca IBM a adotar seu *software*, o *MS-DOS*, como programa operacional dos computadores pessoais que começavam a ser projetados e produzidos. O resto, como se sabe, é história: na última década do século XX, Bill Gates já era o homem mais rico do mundo. Apesar da crise de 2008, a Microsoft, empresa que ele criou, é uma das maiores do planeta. Na tabela 1, podemos compará-la a outros grandes conglomerados.

Tabela 1. Lucros das empresas de capital aberto, em 2009¹.

Maiores lucros entre empresas de capital aberto dos Estados Unidos e da América Latina, em 2009			
Empresa	Setor	Lucro líquido (em US\$ bilhões)	País
1º Exxon Mobil	Petróleo e gás	19,280	EUA
2º Petrobras	Petróleo e gás	16,645	Brasil
3º Microsoft Corp	Software e dados	16,258	EUA
4º Wal Mart Stores	Comércio	13,495	EUA
5º Intl Buses Machines	Eletrônicos	13,425	EUA
6º Goldman Sachs	Bancos	13,385	EUA
7º Procter & Gamble	Química	13,050	EUA
8º A&T	Telecomunicações	12,843	EUA
9º Wells Fargo	Bancos	12,275	EUA
10º Johnson & Johnson	Química	12,266	EUA

Afinal, o que é necessário para ser um grande empreendedor? Quais as características que alguém deve reunir para, iniciando a vida profissional em condições extremamente modestas, construir um verdadeiro império? Segundo a versão digital da revista *Veja*, a receita do sucesso de Bill Gates envolve

a inovação e a visão, que transformaram a sua empresa numa gigante global com tentáculos que se estendem para todos os lados. Gates obteve a façanha de garantir que a companhia tivesse presença e relevância por toda a parte dentro do mundo da tecnologia – o que rendeu processos e outras dores de cabeça ligadas à acusação de

¹ Disponível em: http://blig.ig.com.br/_dias_/files/2010/03/Lucros_22-03.jpg. Acesso em: 01/11/2010.

concorrência desleal com seus rivais. A fama de querer controlar o mundo digital e ganhar todas as disputas mudou Gates, que trocou de tática e tentou melhorar a imagem da companhia desde a série de processos. Mas o criador da Microsoft não se acomodou: continuou buscando chances de ampliar as atividades e serviços da empresa².

Na atualidade, dias de intensa concorrência e competitividade, ser empreendedor é uma necessidade. Se novos mercados não forem conquistados, se antigos mercados não forem preservados, se os clientes não estiverem satisfeitos, se o concorrente conseguir alguma vantagem, se qualquer uma dessas coisas ocorrer, o fracasso é certo e inevitável. Tanto é assim que, na maior parte das escolas de economia e administração, as qualidades e competências empreendedoras são estimuladas e treinadas. No caso específico da economia brasileira, o espírito empreendedor é vital para que possamos recuperar as grandes oportunidades perdidas quando do início da globalização: estamos falando da década inflacionária de 1980 e da de reajustes macroeconômicos de 1990.

Apesar das imensas dificuldades, ainda assim o Brasil vem obtendo resultados positivos no que diz respeito ao empreendedorismo, conforme pode ser visto na figura 1 que se segue.

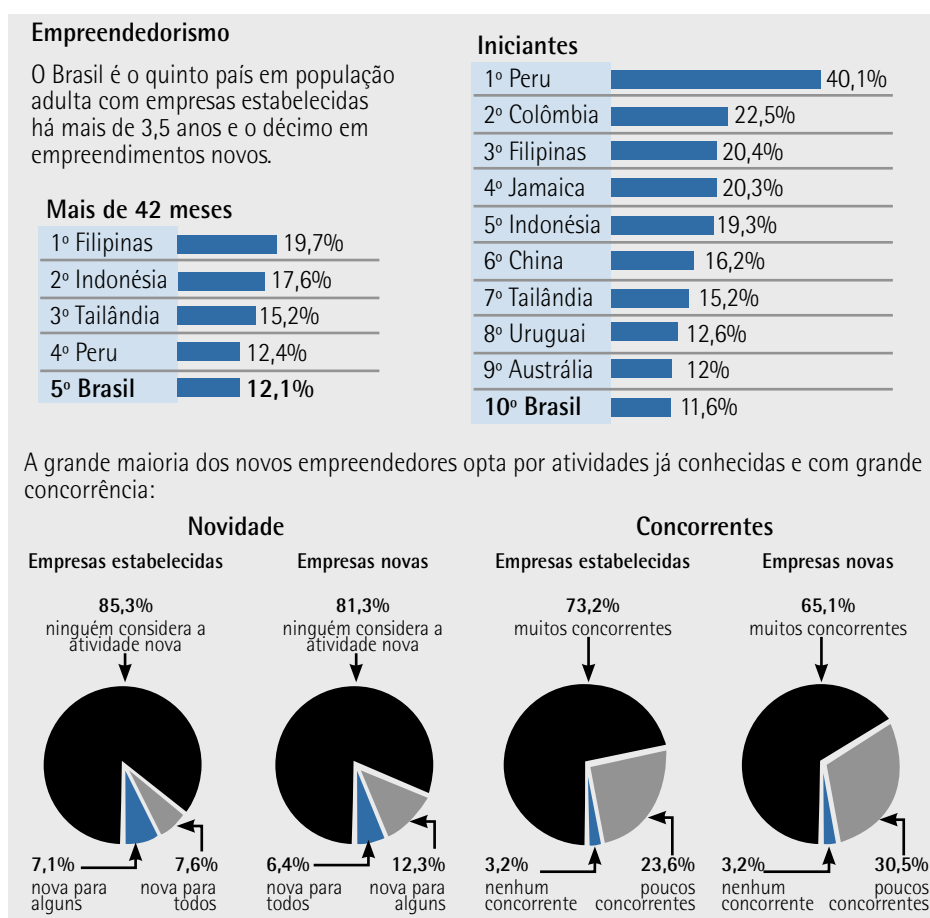


Figura 1. O mapa do empreendedorismo³.

² Disponível em: <http://veja.abril.com.br/quem/buffett-gates.shtml>. Acesso em: 01/11/2010.

³ Disponível em: <http://www.sebraepr.com.br/gc/images/empreendedorismo.gif>. Acesso em: 1 de novembro de 2010.

Se é tão fundamental que sejamos empreendedores, como saber quais competências devemos desenvolver? Os vários estudos desenvolvidos por administradores, economistas e psicólogos sociais listam algumas características de extrema importância: o empreendedor deve ter iniciativa, ser persistente, estar comprometido com o seu negócio, exigir qualidade e eficiência, correr riscos calculados, estabelecer metas e buscar informações, planejar e monitorar sistematicamente seu empreendimento, manter uma rede de contatos para que novas oportunidades possam ser aproveitadas, ser persuasivo, ter independência e autoconfiança. Fácil, não é? No quadro 1 a seguir, cada uma dessas características é explicada em termos das atitudes que as compõem.

Iniciativa	Age de maneira proativa. Busca novas oportunidades. Aproveita oportunidades fora do comum, com um comportamento de aceitação de riscos.
Persistência	Não desiste diante de dificuldades. Reavalia seus planos. Foca energias na execução de seu plano de ação.
Comprometimento	Chama para si a responsabilidade sobre sucessos e fracassos. É um facilitador para sua equipe. Tem visão de futuro.
Exigência de qualidade e eficiência	Procura minimizar custos e está atento ao mercado. Procura sempre surpreender seus clientes. Está atento a prazos e qualidade de entrega.
Riscos calculados	Avalia alternativas e oportunidades. Tem uma boa gestão de resultados. Aceita desafios, mas avalia os riscos.
Estabelecimento de metas	Estabelece e acompanha indicadores de resultados para seu negócio. Tem visão de longo prazo.
Busca de informações	Tem um bom acompanhamento de mercado e está próximo ao seu cliente. Conhece seu negócio e investiga novas oportunidades. Busca especialistas para orientá-lo em relação ao seu negócio.
Planejamento e monitoramento sistemático	Age por etapas, para cumprir seu plano de negócio. Adequa seu plano de negócio às variáveis externas do mercado. Busca informações financeiras do passado para orientar o futuro.
Persuasão e rede de contatos	Forma rede de contatos e procura utilizá-la no desenvolvimento de seu negócio. Mantém e alimenta sua rede de contatos.
Independência e autoconfiança	Desenvolve seu negócio de forma autônoma. É uma pessoa otimista e determinada. Sabe aonde quer chegar.

Quadro 1. Características empreendedoras⁴.

Acreditamos que, a essa altura, você deverá estar se perguntando: foi sempre assim? Sempre, historicamente, agimos em busca do lucro? Fomos sempre empreendedores?

Temos que responder a isso negativamente. As ideias de lucro, competição e empreendedorismo foram historicamente construídas. Quer dizer, houve um tempo em que não era assim. Para Huberman (1986, p. 47),

⁴ Disponível em: <http://empretec.sebrae.com.br/2009/10/27/as-10-caracteristicas-do-empendedor>. Acesso em: 1 de novembro de 2010.

A moderna noção de que qualquer transação comercial é lícita desde que seja possível realizá-la não fazia parte do pensamento medieval. O homem de negócios bem-sucedido de hoje, que compra pelo mínimo e vende pelo máximo, teria sido duas vezes excomungado na Idade Média. O comerciante, porque exercia um serviço público necessário, tinha direito a uma boa recompensa e a nada mais do que isso.

Portanto, se quisermos compreender como nos transformamos em seres sedentos por sucesso e lucro, devemos retroceder à transição de uma sociedade que se baseava na noção do justo preço para outra que perseguia o sucesso econômico. É possível supor que tal transição fosse requerer uma mudança drástica na maneira de pensar e agir: era necessária uma nova ética. "A suspeita e o constrangimento que cercavam as ideias de lucro, mudança e mobilidade social devem dar lugar a novas ideias que encorajem essas mesmas atitudes e atividades" (Heilbroner, 1987, p. 64).

Apenas para que você tenha uma ideia, até então, a Igreja Católica havia sido a responsável pela difusão e manutenção dos valores morais. Apoiada no texto sagrado, ela defendia a vida como passagem transitória pela Terra, passagem que apenas deveria servir de preparo para a vida na eternidade. Quase como encomenda para aqueles tempos de imobilidade social, ela defendia o conformismo às condições dadas. Claro que, embora denunciasse o ganho e a usura, a Igreja era depositária de muitas fortunas feudais, mas isso não a impedia de reprovar, e com muita convicção, os perigos das "atividades mundanas a que a carne, demasiado fraca, sucumbia" (*idem*, p. 78).

Assim, conforme afirma Huberman (1986, p. 47),

A Igreja ensinava que, se o lucro do bolso representava a ruína da alma, o bem-estar espiritual é que estava em primeiro lugar. "Que lucro terá o homem, se ganhar todo o mundo e perder sua alma?" Se alguém obtivesse numa transação mais do que o devido, estaria prejudicando a outrem, e isso estava errado. São Tomás de Aquino, o maior pensador religioso da Idade Média, condenou a "ambição do ganho". Embora se admitisse, com relutância, que o comércio era útil, os comerciantes não tinham o direito de obter numa transação mais do que o justo pelo seu trabalho.

Não apenas era pecado buscar o lucro ou o ganho pessoal, como também trabalhar além do necessário para satisfazer as necessidades mais básicas. Quem tivesse o suficiente para viver e, não obstante, continuasse a trabalhar incessantemente, "seja para conseguir uma posição social melhor, seja para viver mais tarde sem trabalhar, ou para que seus filhos se tornem homens de riqueza e importância – todos esses estão dominados por uma avareza, sensualidade ou orgulho condenáveis" (Huberman, 1986, p. 47).

Mais: a ideia de obter uma vantagem em relação ao seu concorrente (se é que existia esse conceito) era simplesmente inimaginável. Como novamente afirma Huberman (*idem*, p. 67)

Assim como se precavam da interferência estrangeira em seu monopólio, as corporações tinham também o cuidado de evitar, entre si, práticas desonestas que pudessem causar prejuízos a terceiros. Nada de competição mortal entre amigos, é o que realmente significa o item 3 dos estatutos dos curtidores. O membro da corporação não podia furtar um jornaleiro ou o aprendiz de seu mestre. Também era tabu a prática comercial, hoje muito difundida, de obsequiar o cliente ou suborná-lo para conseguir realizar um negócio. Em 1443, a corporação dos padeiros de Corbie, na França, determinou que ninguém daria bebidas ou faria qualquer outra gentileza a fim de vender seu pão, sob pena de pagar uma multa de 60 soldos.

Como se pode perceber, a mudança que introduziria uma nova forma de pensar deveria ser ampla e irreversível. Aqui, é importante um parêntese: muitos historiadores mencionam a Reforma Protestante como condição mais que necessária para a expansão da ética do capitalismo. Nossa posição é outra: junto com outros fatores já mencionados (urbanização, formação dos Estados Nacionais, intensificação do comércio, viagens ultramarinas, fortalecimento do poder monárquico, por exemplo), as transformações religiosas criariam a sinergia para as mudanças que já estavam ocorrendo e para as mudanças que ainda ocorreriam. Ou seja, não se trata aqui de uma relação causal simples (Reforma/capitalismo), mas de uma relação em que as revoluções religiosas surgiram no já intrincado mosaico histórico do período como parte integrante (e interdependente) de outras relações existentes.

O que se sabe é que o calvinismo e a Reforma provocaram uma mudança na forma de ver o mundo, introduzindo uma nova ética e conclamando a todos para uma nova moral. Encontraremos em Heilbroner (1987, p. 79) que

Em contraste com os teólogos católicos, propensos a considerar a atividade humana como coisa fútil e vã, os calvinistas santificavam e aprovavam o esforço humano como uma espécie de indicador de valor espiritual. De fato, cresceu entre os calvinistas a ideia de um homem **dedicado** ao seu trabalho: "vacionado" para ele, por assim dizer. Daí, a fervorosa entrega de cada um à sua própria vocação, muito ao contrário de evidenciar um afastamento dos fins religiosos, passou a ser considerada uma evidência da dedicação à vida religiosa. O comerciante enérgico e empreendedor era, aos olhos calvinistas, um homem **piedoso**, não um ímpio; e desta identificação de trabalho e virtude não foi necessário mais que um passo para se desenvolver a noção de que, quanto mais bem-sucedido um homem fosse na vida, mais virtuoso e mais valor ele tinha.

Não apenas o trabalho era meritório, e a ele todos deveriam se dedicar. O que essa nova moral prega é que a piedade e a virtude podem ser reconhecidas nas formas como se usa a riqueza. Quer dizer: nada de luxo, jogos, hábitos faustosos. Se o trabalho é sagrado, sagrado também é o seu fruto, e os homens devem viver uma vida ascética, de simplicidade e parcimônia.

[o calvinismo] fez da poupança, da abstinência consciente do usufruto da renda, uma virtude. Fez do investimento, do uso da poupança para fins produtivos, um instrumento tanto de devoção como de lucro. Justificou até, com vários *quids* e *quos*, o pagamento de juros. De fato, o calvinismo estimulou uma nova concepção de vida econômica. Em lugar do antigo ideal de estabilidade social e econômica, de se conhecer e manter o "lugar" de cada um, conferiu respeitabilidade a um ideal de luta, de aperfeiçoamento e progresso material, de crescimento econômico (*idem*, p. 80).

Ou, nas palavras de Max Weber (1996, p. 21), que no século XIX estudou a fundo a relação entre a religião e o capitalismo (identificando algo que denominou de **espírito do capitalismo**):

De fato, o *summum bonum* dessa ética, o ganhar mais e mais dinheiro, combinado com o afastamento estrito de todo prazer espontâneo de viver é, acima de tudo, completamente isento de qualquer mistura eudemonista, para não dizer hedonista; é pensado tão puramente como um fim em si mesmo, que do ponto de vista da felicidade ou da utilidade para o indivíduo parece algo transcendental e completamente irracional. O homem é dominado pela geração de dinheiro, pela aquisição como propósito final da vida. A aquisição econômica não mais está subordinada ao homem como um meio para a satisfação de suas necessidades materiais. Essa inversão daquilo que chamamos de relação natural, tão irracional de um ponto de vista ingênuo, é evidentemente um princípio guia do capitalismo, tanto quanto soa estranha para todas as pessoas que não estão sob a influência capitalista.

Estava aberto o caminho para a busca do lucro, para o progresso material, para o desenvolvimento capitalista.

Para refletir

O garoto empreendedor que criou o *Facebook*⁵

Quem poderia imaginar que um estudante de 19 anos pudesse tornar-se bilionário em cinco anos, com um *site* de relacionamento criado sem maiores pretensões, que era quase um brinquedo? Para surpresa do mundo, esse é exatamente o caso de Mark Zuckerberg, o fundador do *Facebook*. "Tudo começou em 2004, quando eu era aluno da Universidade de Harvard. Eu não tinha a menor ideia de que o *Facebook* seria um sucesso mundial, ao lançar o *site* de relacionamento, que era pouco mais do que um brinquedo, mas que hoje tem mais de 250 milhões de usuários, 70% deles fora dos Estados Unidos", conta Zuckerberg, que, além de criador, é o executivo principal (CEO) da empresa.

⁵ Disponível em: <http://www.ethevaldo.com.br/Generic.aspx?pid=1239>. Acesso em: 1 de novembro de 2010.

EXERCÍCIOS

Leia o seguinte texto, de Huberman (1986, p.26), para responder aos exercícios 1, 2 e 3.

Sem dúvida, havia certo intercâmbio de mercadorias. Alguém podia não ter lã suficiente para fazer seu casaco, ou talvez não houvesse na família alguém com bastante tempo ou habilidade. (...) Essa transação provavelmente se efetuou no mercado semanal mantido junto de um mosteiro ou castelo, ou numa cidade próxima. Esses mercadores estavam sob o controle do bispo ou senhor e ali se trocavam qualquer excedente produzido por seus servos ou artesãos ou quaisquer excedentes dos servos. Mas com o comércio em tão baixo nível, não havia razão para a produção de excedentes em grande escala. Só se fabrica ou cultiva além da necessidade de consumo quando há uma procura firme. Quando não há essa procura, não há incentivo à produção de excedentes. Assim sendo, o comércio nos mercados semanais nunca foi muito intenso e era sempre local. Outro obstáculo à sua intensificação era a péssima condição das estradas: estreitas, malfeitas, enlameadas e geralmente inadequadas às viagens. E ainda mais, eram frequentadas por duas espécies de salteadores – bandidos comuns e senhores feudais que faziam parar os mercadores e exigiam que pagassem direitos para trafegar em suas estradas abomináveis. (...) Mas o comércio não permaneceu pequeno. Chegou o dia em que ele cresceu, e cresceu tanto que afetou profundamente toda a vida da Idade Média. O século XI viu o comércio evoluir a passos largos; o século XII viu a Europa ocidental transformar-se em consequência disso.

1) Considerando a passagem do feudalismo para a economia de mercado, podemos afirmar:

I – O surgimento de cidades, a monetarização da economia e a perda de poder do senhor feudal foram fundamentais para a criação de uma nova ética e esta, por sua vez, contribuiu para a formação de uma economia de mercado, com novos valores morais bem distintos daqueles da Idade Média.

II – Para que o capitalismo pudesse se desenvolver, era condição necessária que a Igreja Católica fosse destruída, tal como ocorreu na Inglaterra no século XVI.

III – O surgimento de uma economia capitalista não teria ocorrido se não fosse a Reforma Protestante.

Em relação a essas afirmativas:

- a) Todas as respostas estão corretas;
- b) Todas as respostas estão incorretas;
- c) Apenas a sentença I está correta;

d) Apenas a sentença II está correta;

e) Apenas a sentença III está correta.

2) Considerando a passagem do feudalismo para a economia de mercado, podemos afirmar que:

I – O espírito do capitalismo se formou a partir da aceitação da busca do lucro como vocação do homem, vocação essa apoiada pela Igreja já nos tempos feudais e vislumbrada nas usuais práticas comerciais envolvendo o excedente produzido pelo servo;

II – Foi fundamental o surgimento de uma nova ética, que considerava o trabalho como um valor de significativa importância, ética essa desenvolvida a partir das reformas calvinistas e luteranas;

III – Foi fundamental o fortalecimento da ética católica, que pregava o preço justo e condenava a usura, já que sem essas transformações não teria sido possível desenvolver o espírito do capitalismo.

Sobre tais afirmativas, pode-se dizer que:

a) Todas as respostas estão corretas;

b) Todas as respostas estão incorretas;

c) Apenas a sentença I está correta;

d) Apenas a sentença II está correta;

e) Apenas a sentença III está correta.

3) (Ibemec08, com modificações) Considerando o fato de muitos teóricos terem como próximas as relações entre o calvinismo e o desenvolvimento do capitalismo, é correto afirmar que:

a) o trabalho passou a ser visto como uma vocação divina e o sucesso decorrente dele um sinal da predestinação, da graça divina.

b) bastava aos homens trilharem o caminho do bem, amarem seu semelhante, realizando obras em nome de Deus, e eles estariam salvos.

c) o arrependimento e a fé levavam o homem à vida eterna, enquanto o enriquecimento desmedido levava o homem à eterna danação.

d) o sinal da predestinação só era obtido perto da morte, quando Deus os revelava por meio da extrema-unção.

e) a confissão de seus pecados, a penitência e o perdão do padre, aliados à força de vontade em trabalhar, eram os caminhos para a salvação.

- 4) (UFPB 2009, com modificações) Em 1517, o monge Martinho Lutero divulgou suas 95 teses, nas quais criticava duramente a venda de indulgências e as arbitrariedades cometidas pela Igreja. Esse fato marcou o início da Reforma Protestante.

Quanto às características da Reforma Protestante, considere as seguintes afirmativas.

I – Lutero acreditava que o dinheiro obtido com a venda de indulgências deveria ser aplicado diretamente nas regiões de sua arrecadação, e não enviado a Roma. Com essa tese, ele obteve o apoio dos príncipes germânicos, que lutavam contra o domínio do Papa.

II – Lutero considerava que a relação entre o cristão e Deus deveria ser direta, sem interferência dos sacerdotes. Segundo essa tese, cada pessoa poderia interpretar livremente a Bíblia, o que confrontava o dogma de Roma, afirmativo da autoridade exclusiva da Igreja na interpretação dos textos sagrados.

III – A salvação do crente, para Lutero, vinha unicamente da contemplação; nesse sentido, o trabalho era considerado empecilho para a elevação espiritual.

IV – As teses de Lutero motivaram uma série de revoltas e guerras civis disseminadas pela Europa. Uma trégua provisória só foi alcançada em 1555, com a Paz de Augsburg, um tratado segundo o qual a religião de cada país deveria ser escolhida por meio de eleições livres.

Assim, pode-se afirmar que:

- a) Apenas as afirmativas I e II estão corretas;
 - b) Apenas as afirmativas II e III estão corretas;
 - c) Apenas as afirmativas II e IV estão corretas;
 - d) Apenas as afirmativas I e IV estão corretas;
 - e) Apenas as afirmativas I e III estão corretas.
- 5) (PUC/Rio, com modificações) Nos séculos XV e XVI, o Ocidente europeu foi cenário de experiências que apontaram para o início de tempos modernos, como:

I – o alargamento do mundo conhecido pelos europeus, em parte devido à descoberta das terras americanas.

II – a extinção das relações feudais, associada ao uso predominante do trabalho livre e assalariado.

III – os progressos técnicos e científicos, decorrentes da liberdade de pensamento possibilitada pela expansão das ideias humanistas.

IV – a divisão da cristandade ocidental, ocasionada pela Reforma Protestante.

Assinale a opção que apresenta todos os itens corretos:

- a) I e V;
- b) I e IV;
- c) II e IV;
- d) II e III;
- e) I e III.

Resolução dos exercícios

1. c) Apenas a sentença I está correta.

A II está incorreta porque não era condição necessária a destruição da Igreja Católica para que houvesse economia de mercado: a Igreja Católica apenas perde alguma importância. A III também está incorreta, porque a Reforma Protestante contribuiu para o surgimento capitalista ao fornecer um ideal e uma nova moral, no entanto, isso não significa que sem ela não teria havido a passagem do feudalismo para o capitalismo. Trata-se de um novo pensar em relação ao trabalho e ao lucro.

2. d) Apenas a sentença II está correta.

A primeira afirmativa erra ao dizer que a Igreja já apoiava a busca do lucro. A III está errada ao afirmar que foi necessário o fortalecimento da ética católica: ao contrário, para o desenvolvimento do capitalismo foi importante, justamente, a substituição dessa ética por outra.

3. a) o trabalho passou a ser visto como uma vocação divina e o sucesso decorrente dele um sinal da predestinação, da graça divina.

Todas as demais alternativas se referem ao preconizado pela Igreja Católica.

4. c) Apenas as afirmativas II e IV estão corretas.

A I está incorreta porque Lutero se opunha às indulgências, qualquer que fosse seu destino. A III está incorreta porque Lutero não se opunha ao trabalho.

5. b) I e IV.

A afirmativa II está incorreta porque as relações feudais não estão associadas ao trabalho livre e assalariado. A alternativa III está incorreta pois o iluminismo não é desse período.

Importante tópico para discussão acerca dos novos empreendimentos, da busca de novos mercados e de lucros crescentes, é o caso das incubadoras de negócios.

Vamos pensar um pouco mais?

Para Medeiros (1995), os pólos científicos-tecnológicos, ou pólos tecnológicos, resultam de quatro componentes: universidades ou institutos de pesquisa especializados em pelo menos uma inovação tecnológica; aglomerado de empresas do mesmo ramo; projetos de inovação tecnológica apoiados pelo governo e estrutura organizacional facilitadora da troca de informações entre empresas, academia e governo.

As empresas que participam dos pólos tecnológicos, as chamadas empresas de base tecnológica, aproveitam os recursos humanos, os laboratórios e os equipamentos que são pertencentes às instituições de ensino. Trata-se de creche ou incubadora de empresas, que abriga os inovadores até superarem as barreiras administrativas, técnicas e mercadológicas (Medeiros, 1995) na obtenção de produtividade e de competitividade que será medida não só via preço, mas também por um conjunto de fatores, como organização da produção, qualidade dos produtos, capacidade técnica e adaptabilidade às condições sociais de trabalho (Cano, 1995).

O papel central desses polos tecnológicos é o de aproximar as relações tecnológicas, tanto no âmbito nacional quanto no internacional. Não são criados por decreto, mas podem decorrer do estímulo do governo e da comunidade científica. Também resultam do interesse dos empreendedores pelo novo segmento, desejosos de aproveitar as facilidades das novas tecnologias de comunicação e do menor tamanho das empresas. Nesse sentido, ressalta Cano (1995), representam

novos espaços, onde as empresas de base tecnológica crescem e se consolidam. Trata-se de um grupo industrial novo, cujas necessidades locacionais tendem a ser diversas das existentes nas indústrias antigas.

Considere agora o proposto a seguir:

Situação 1 – Uma incubadora de empresas busca oferecer às pequenas empresas apoio estratégico durante os primeiros anos de existência. As primeiras incubadoras de empresas surgiram no Brasil na década de 1980 e, desde então, o seu número vem crescendo sensivelmente. Segundo dados da Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos de Tecnologia Avançada (Anprotec), existem hoje cerca de 150 incubadoras espalhadas pelo Brasil,

número que mal chegava a 10 em 1991. Estima-se em cerca de 1.100 o número de empresas residentes nessas incubadoras, o que representa a geração de aproximadamente 6.100 novos empregos. Basicamente, o objetivo de uma incubadora é reduzir a taxa de mortalidade das pequenas empresas. Para isso, as incubadoras oferecem um ambiente flexível e encorajador, em que é disponibilizada uma série de facilidades para o surgimento e crescimento de novos empreendimentos, a um custo bem menor que o de mercado, na medida em que esses custos são rateados e, às vezes, subsidiados. Outra razão para a maior chance de sucesso de empresas instaladas em uma incubadora, é que o processo de seleção capta os melhores projetos e seleciona os empreendedores mais aptos, o que naturalmente amplia as possibilidades de sucesso dessas empresas⁶.

Pelo descrito no texto da situação 1, bem como pelo apresentado anteriormente, quais seriam as formas ideais de apoio das incubadoras às pequenas e médias empresas?

Leia o texto a seguir. Seria possível imaginar tal situação no ambiente da Europa pré-capitalista?

Vamos pensar um pouco mais?

Concorrência entre celulares inteligentes aperta em 2010, dizem analistas⁷

A expansão na demanda por celulares inteligentes novos e mais baratos ajudou a alimentar uma recuperação no mercado de celulares como um todo, no final do ano passado, mas a rivalidade por uma participação nesse lucrativo negócio será feroz em 2010, com a chegada de muitos fabricantes novos ao mercado.

"O mercado de celulares inteligentes [*smartphones*] será muito competitivo em 2010", disse o analista Neil Mawston, do grupo de pesquisa Strategy Analytics (SA). "A guerra dos celulares inteligentes será boa notícia para os consumidores, mas a feroz competição inevitavelmente pressionará os preços e as margens de lucro dos produtores", disse ele.

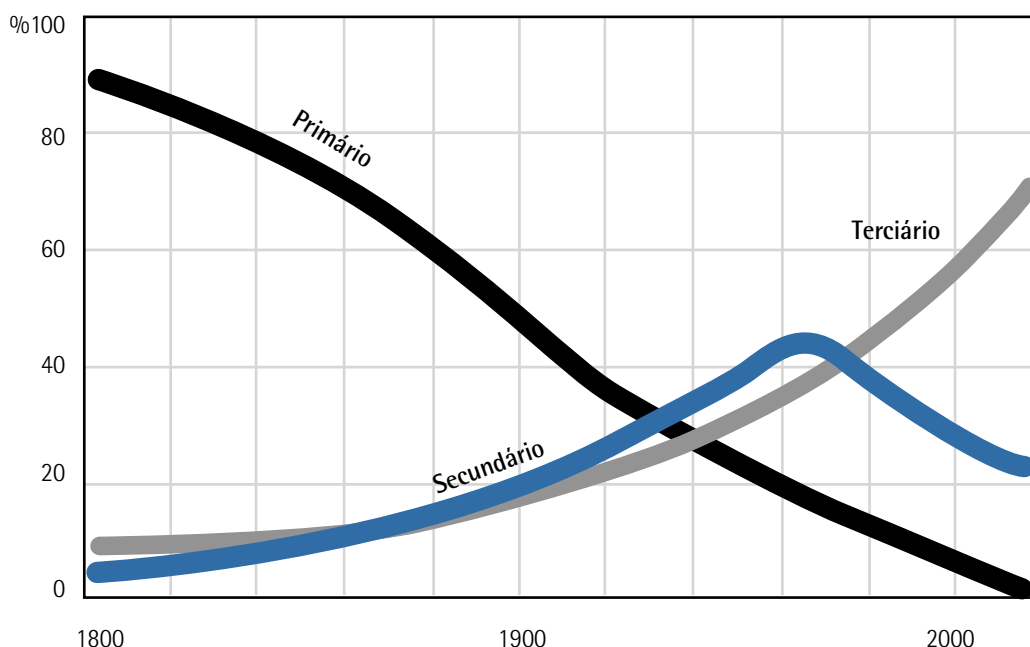
Os grupos sul-coreanos Samsung Electronics e LG Electronics, segundo e terceiro maiores fabricantes mundiais de celulares, planejam elevar fortemente suas vendas muito baixas no segmento de celulares inteligentes, enquanto novos concorrentes, como Huawei e Dell, reforçam suas linhas.

4 A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Observe os quadros a seguir. O quadro 2 mostra, em termos mundiais, o comportamento dos setores agropecuário, industrial e de serviços. O quadro 3 indica a distribuição da população brasileira por setor da economia.

⁶ Adaptado de texto disponível em: <http://www.e-commerce.org.br/incubadoras.php>. Acesso em: 1 de novembro de 2010.

⁷ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u687574.shtml>. Acesso em: 1 de novembro de 2010.



Quadro 2. Setores da economia⁸.

Distribuição dos trabalhadores brasileiros pelos setores da economia (em %)						
Setor \ Ano	1950	1960	1970	1980	1991	2000
Primário	60,7	54,2	44,2	29,9	23,2	20,6
Secundário	13,1	12,7	17,8	24,4	23,8	20,0
Terciário	26,2	33,1	38,0	45,7	53,0	59,4

Quadro 3. População brasileira por setor da economia⁹.

Os setores são o resultado da divisão da economia. Para essa divisão, são utilizados os critérios de produtos produzidos e os modos de produção associados a essa produção.

O setor primário reúne a produção realizada por meio da exploração dos recursos da natureza. Assim, ele envolve a agricultura, a mineração, o extrativismo vegetal e a pecuária. Como você pode perceber, é o setor responsável pela matéria-prima que será utilizada pela indústria. Ter uma economia baseada em grande parte no setor primário representa riscos porque, em primeiro lugar, é o setor que produz mercadorias que agregam menos valor; em segundo, é um setor que depende das condições naturais para que possa se desenvolver; em terceiro, é o setor mais vulnerável à flutuação de preços nos mercados internacionais, já que normalmente envolve *commodities*.

⁸ Disponível em: <http://www.klickeducacao.com.br/conteudo/referencia/content/632/images/acge1214.jpg>. Acesso em: 1 de novembro de 2010.

⁹ Disponível em: http://4.bp.blogspot.com/_eMvdTkJQxOk/THnHRUZrc6I/AAAAAAAAAH50/P3IWgcNdajo/s1600/distrib+pop.jpg. Acesso em: 1 de novembro de 2010

O setor secundário é o da indústria. É o setor de transformação, responsável pela produção de todos os produtos industrializados que consumimos. Geralmente, uma proporção elevada desse setor em um país revela desenvolvimento econômico, já que a exportação dos produtos industrializados é favorecida pelo elevado valor agregado que esses produtos costumam apresentar.

O setor terciário é o de serviços. São os bens intangíveis sobre os quais já falamos anteriormente: serviços de educação, saúde, bancários, comerciais, entre outros. Costumamos distinguir, nesse setor, três subáreas: a) o terciário inferior, que representa o comércio varejista e o serviço doméstico; b) o terciário superior, que indica os serviços de bancos e seguros, ou seja, que envolvem maior nível técnico; e c) o terciário tecnológico, que abarca serviços tecnológicos e de ensino. É evidente que, quanto maior o setor de serviços de uma economia, mais desenvolvida e aparelhada ela é do ponto de vista tecnológico.

O que os quadros nos mostram? O quadro 2 nos traz que o setor primário vem caindo em termos de participação desde o século XIX. Também revela que o setor secundário cresceu até a década de 1960, perdendo importância a partir dessa data. Em contrapartida, percebe-se que o setor de serviços vem crescendo cada vez mais. O quadro 3 repete, com algumas poucas diferenças, a situação descrita anteriormente. Observa-se no Brasil a diminuição da participação do setor primário e a transferência do setor secundário, em termos de importância, para o setor terciário, que vem crescendo de forma consistente e sistemática.

Parece razoável, então, imaginarmos que em algum momento do nosso passado, o processo de industrialização foi ganhando o espaço antes reservado à agricultura e às outras atividades extrativas. O período em que esse processo efetivamente teve início, e a partir do qual se desenvolveu, é aquele que corresponde ao final do século XVIII até o século XIX. Nesse momento, embora as velhas estruturas fabris continuassem a conviver com modernas técnicas produtivas (e isso aconteceria por um bom tempo), grandes invenções revolucionavam a indústria: máquina de fiar, tear mecânico, máquina a vapor, lançadeira volante, patentes para técnicas diversas de fundição, bombeamento de minas e obras hidráulicas. Todas essas inovações transformariam as atividades das indústrias de lã e siderurgia, embora em algumas áreas o trabalho ainda ocorresse em pequenas firmas que empregavam poucos trabalhadores (nessas, o empregador não era o grande capitalista, mas o empreiteiro intermediário). A manutenção desses padrões de indústria domiciliar, inclusive, significaria demora na consagração de um caráter homogêneo da classe trabalhadora, ora envolvida nos processos produtivos das grandes indústrias, ora ainda vinculada aos sistemas dos ofícios e pequenas unidades produtoras.

É importante salientar que não se deve cometer o erro de entender a Revolução Industrial como algo que tenha ocorrido de repente, em determinada data, a partir dali tudo se modificando. O mais correto seria descrevê-la como "uma série contínua de transformações que perdurou além mesmo do século XIX, em vez de como uma modificação feita de uma só vez" (Dobb, 1987, p. 269). É claro que, "uma vez vinda a transformação crucial, o sistema industrial embarcou em toda uma série de revoluções na técnica de produção, como traço notável de uma época do capitalismo amadurecido" (*idem*, p. 270). Afinal, as invenções acarretavam especialização do trabalho que, assim dividido, possibilitava inovações. Em resumo, podemos descrever a Revolução Industrial como um processo cumulativo e irreversível em termos de produtividade, concentração da produção, acumulação e propriedade do capital.

Por que ela ocorre inicialmente na Inglaterra? Muitos são os fatores: o país havia enriquecido enormemente com o comércio e a pirataria, e a riqueza encontrava-se distribuída entre a burguesia comercial. Além disso, o cercamento das terras transformara o que antes era feudo ancestral em fonte de retorno, em recurso de produção, e foi a forma como "a Inglaterra 'racionalizou' sua agricultura e finalmente escapou da ineficiência do sistema manorial tradicional" (Heilbroner e Milberg, 2008, p. 67). Ainda, com a expulsão dos arrendatários e camponeses, o cercamento acabaria por fornecer a mão de obra para as fábricas e manufaturas, bem como os consumidores para os produtos então fabricados e colocados à venda. De fato, além do extraordinário desenvolvimento na ciência e na engenharia que têm lugar na Inglaterra, outra série de fatores ainda pode explicar a origem da Revolução Industrial ali:

algumas tão fortuitas quanto os imensos recursos das minas de carvão e ferro existentes em solo inglês; outras tão propositais quanto o desenvolvimento de um sistema nacional de patentes que de forma deliberada estimulou e protegeu o próprio ato de inventar. Iniciada a revolução, ela se autoalimentou. As novas técnicas (em especial, na indústria têxtil) simplesmente acabaram com a concorrência do fabrico artesanal no mundo, aumentando assim de forma inimaginável os próprios mercados (*idem*, p. 83).

Sobre esse período, há farta documentação: "o século da imprensa ao alcance de todos e da disseminação quase universal da alfabetização nos legou fontes documentárias de uma abundância até agora superior à de qualquer outro século anterior" (Dobb, 1987, p. 257), embora a complexidade da sociedade e do mundo resultantes da Revolução Industrial introduzam dificuldades imensas ao trabalho do historiador econômico. De forma resumida, aquele seria o século em que se organizariam estruturas sociais bastante específicas, a população aumentaria (principalmente em função da queda da mortalidade resultante das melhorias nas técnicas de saúde pública), o mercado se expandiria por meio da divisão do trabalho e dos acréscimos na produtividade, as invenções transformariam as cidades e a produção.

O desenvolvimento científico também era notável e as sociedades destinadas ao culto e transmissão do saber se espalhavam por toda a Europa. Embora, durante muito tempo, tenha prevalecido na história econômica geral certa "leitura" que manteve indústria e universidade em esferas distintas, algumas evidências apontam para a existência de uma estreita relação entre elas, em especial na Inglaterra, "local de um entusiasmo peculiar pela ciência e engenharia" (*idem*, p. 83): será lá, por exemplo, que surgirão a *Royal Society* (presidida por Isaac Newton) e a *Philosophical Society of Edinburgh*, inaugurada em 1737, e que tinha entre seus mantenedores e membros vários grandes proprietários de terra. Afinal, "não menos importante foi o entusiasmo da aristocracia inglesa da terra pela agricultura científica: os donos de terra ingleses deixaram claro um interesse em questões como rotatividade das colheitas e fertilizantes" (*ibidem*).

Quanto ao perfil das instituições bancárias naquele instante, temos duas interpretações distintas: uma, que privilegia o papel da atividade bancária comercial; outra, que reconhece a importância das operações financeiras dos bancos, especialmente no tocante às operações de crédito para industriais e empresários. De qualquer forma, deve-se reconhecer: não havia ainda o conceito dos bancos como agentes para captação de poupança e recursos com o objetivo explícito de agenciar fundos para

investimentos. O capital era acumulado e as indústrias cresciam, mas isso ocorria porque os salários eram mantidos em patamares extremamente baixos e porque "agricultores donos de terra e fabricantes prósperos (apesar de toda sua ostentação) foram, sem dúvida, poupadores importantes, que abriram caminho para que quantias substanciais fossem colocadas em mais e novos investimentos de capital" (*idem*, p. 95).

Entre 1775 e 1875, o mundo experimentou um "vasto *boom* secular", caracterizado por progresso econômico, embora desigual se comparados países ou mesmo diferentes setores industriais. Os trabalhadores passaram a se concentrar num só lugar, a fábrica; o processo de produção transformou-se em coletivo; o trabalho passou a ser meio mecânico, meio humano. Do operário não era mais esperada vontade própria ou aptidão especial (como nos velhos tempos, em que a ferramenta era passiva nas mãos do trabalhador), mas tão somente a destreza e obediência às exigências das máquinas. Também, segundo Dobb (1987, p. 262),

era agora necessário capital para financiar o equipamento complexo requerido pelo novo tipo de unidade de produção; e criara-se um papel para um tipo novo de capitalista, não mais apenas como usuário ou comerciante em sua loja ou armazém, mas como capitão de indústria, organizador e planejador das operações da unidade de produção, corporificação de uma disciplina autoritária sobre um exército de trabalhadores que, destituídos de sua cidadania econômica, tinham de ser coagidos ao cumprimento de seus deveres onerosos a serviço alheio pelo açoite alternado da fome e do supervisor do patrão.

As invenções se entrelaçavam com as necessidades prementes das indústrias e, impulsionadas pelo espírito prático e comercial dos capitalistas, mudavam a feição da economia e das estruturas sociais. O aumento populacional e a crescente proletarização tornariam a força de trabalho não apenas uma mercadoria, mas uma mercadoria disponível e disposta a se empregar em troca de salários que permitissem a sobrevivência, mesmo que em condições não exatamente favoráveis. Os cercamentos de terra e o êxodo da população rural também engrossariam as fileiras de trabalhadores dispostos a se empregar nas grandes indústrias e, posteriormente, as invenções que economizam tempo e trabalho já superavam a expansão do exército proletário. A acumulação do capital, portanto, excedia o crescimento da oferta de trabalho.

O uso intensivo nas fábricas de maquinário – resultado de um incessante processo de inovação tecnológica –, e a expansão de uma classe trabalhadora, explorada e assalariada¹⁰, configuravam uma

¹⁰ A substituição crescente da mão de obra por maquinário gerava desemprego, e a revolta era de tal monta que, ao final do século XVIII e nos primeiros anos do século XIX, era comum ocorrerem invasões de fábricas por hordas de trabalhadores. Conforme afirma Heilbroner (1996, pp. 102-3), "fábricas destruídas espalhavam-se pelo campo e a cada uma o comentário era 'Ned Ludd passou por aqui!'. O boato era que um Rei Ludd ou um General Ludd estava dirigindo as atividades da turba. Não era verdade, claro. Os Luddites, como eles eram chamados, inflamavam-se pelo puro e espontâneo ódio às fábricas, que viam como prisões, e ao trabalho assalariado, que desprezavam. (...) Para a maior parte dos observadores (...), as classes baixas estavam escapando do controle e era preciso agir severamente para acabar com a situação. E, para as classes altas, aqueles acontecimentos pareciam indicar que um violento e terrificante *armageddon* se aproximava".

crescente atividade econômica já bem distante da economia comercial e mercantil dos séculos XVII e XVIII. Nada nesse novo mundo parecia justificar algo além de um profundo e imenso pessimismo em relação ao "progresso" da sociedade e à "evolução" da humanidade (pessimismo esse visível nas obras de Malthus e Ricardo), mas alguns viam no cenário oitocentista motivos para otimismo e esperança de dias melhores e de um futuro mais promissor.

Ao mesmo tempo em que as degradadas e imundas cidades inglesas viam circular trabalhadores esfomeados e que viviam em condições totalmente insalubres, ao mesmo tempo em que pensadores e a elite empresarial discutiam o terrível futuro que aguardava a humanidade (em especial, a fome resultante da explosão populacional e da escassez de terras aráveis e produtivas), outros pensadores e capitalistas buscavam alternativas que confirmassem a possível existência de um sistema social justo dentro (e a partir do) contexto de industrialização e da economia de mercado.

Numa época em que se transpirava a crença na ideia do progresso, essas alternativas podiam tanto incluir sonhos extravagantes quanto projetos – às vezes mais, outras menos – mirabolantes. Saint-Simon e seus seguidores pregariam a construção de uma pirâmide social em que se ganharia em função do trabalho útil para a sociedade. Fourier escreveria sobre as falanges, locais parecidos com hotéis, onde todos viveriam e "todos teriam que trabalhar, é claro, porém poucas horas por dia. Mas ninguém tentaria escapar do trabalho, porque cada qual estaria fazendo o que mais gostava" (Heilbroner, 1996, p. 118).

Exemplos de iniciativas mais "pragmáticas" incluiriam, por exemplo, a fábrica de Nova Lanark, localizada nas redondezas de Glasgow, de propriedade de Robert Owen (1771-1858). Capitalista, Owen mostrava ojeriza ao uso do dinheiro e à propriedade privada (e esse ódio à propriedade privada também seria visível entre os seguidores de Saint-Simon) e, posteriormente, também proporia a criação das aldeias de cooperação, comunidade de pobres onde esses poderiam se tornar "produtores de riqueza se tivessem chance de trabalhar e que seus hábitos sociais deploráveis podiam se transformar com facilidade em hábitos virtuosos sob a influência de um ambiente decente" (*ibidem*)¹¹.

Finalmente, o pensamento econômico (entendido como a maneira pela qual o homem tenta compreender as relações de produção dentro dos processos de geração, distribuição e circulação de riqueza) refletiria essas transformações. Ou melhor, procuraria compreender e analisar a renda da terra, os salários, os lucros, as taxas de juros, as melhores formas de administrar a riqueza de uma ação. Não à toa, nasce nesse instante a economia política. Formada a partir das elucubrações dos filósofos europeus imersos no ambiente da Ilustração, essa área do saber ganha *status* de ciência com as obras de Cantillon (*Ensaio sobre a natureza do Comércio*, 1763) e Adam Smith (*A Riqueza das Nações*, 1776).

¹¹ O autor também relata a viagem de Owen aos Estados Unidos e a fundação dessa aldeia em Indiana, sob os auspícios da *Declaração da Independência Intelectual* (independência da propriedade privada, da religião irracional e do casamento), documento no qual o livre-pensador apresentava as ideias que davam sustentação ao seu projeto comunitário. Apesar do fracasso do empreendimento e do retorno de Owen à Inglaterra, Heilbroner relata que, nos Estados Unidos, surgiram depois outras aldeias, inspiradas na de Owen, e que se juntariam às comunidades-falange de outro utópico, Fourier.

Os primeiros modelos econômicos dignos de tal nome apareceram na França a partir de 1758, nas obras dos fisiocratas. O *Quadro Econômico*, de Quesnay, é considerado o primeiro modelo de fluxo de renda da história do pensamento econômico. O autor, curiosamente, era médico: sua teoria sobre fluxo da moeda trazia para o campo da atividade econômica as regras da circulação do sangue no corpo humano. O que acontecia no macrocosmo repetia-se no microcosmo, e a mesma ordem natural responsável por manter os planetas no céu também cuidaria da harmonia econômica terrestre. Até mesmo por inspiração dessas obras, e para com elas dialogar e se opor, Adam Smith (1723-1790) buscou sistematizar o conhecimento até então desenvolvido a respeito da riqueza. Reunindo o pensamento esparso dos "aritméticos políticos" e a metodologia modelar da fisiocracia, Smith transformou *A Riqueza das Nações* no primeiro manual de economia política que reunia desde a teoria do valor até os mais sofisticados conceitos de política comercial externa à época. Ainda que valorizado pela capacidade de sintetizar conceitos de outros autores, faltou originalidade a Smith em conceitos como o da divisão do trabalho e o das vantagens absolutas do comércio exterior.

É importante salientar que essas primeiras obras, ou da fisiocracia ou dos clássicos, surgem em oposição ao pensamento mercantilista então vigente. O mercantilismo dizia respeito às doutrinas preconizadas pelos Estados nacionais em relação à origem da riqueza, bem como às melhores condutas para a expansão econômica e militar. Para os mercantilistas, a origem da riqueza estava no acúmulo de ouro e prata. Com as exportações, conseguia-se metal; as importações, ao contrário, significavam o envio de metal para outras nações. Como uma determinada nação poderia conseguir esse superávit? Quanto mais poderosa ela fosse, quanto mais rotas comerciais estivessem sob o seu domínio, quanto maior a dependência de suas colônias em relação à metrópole, tanto maiores seriam as possibilidades de acumular ouro e prata (Brue, 2006).

É claro que essa política requeria um Estado forte. Também necessitava do espírito nacionalista e de um conjunto de instituições militares capazes de dar conta da ação expansionista. Segundo Brue (2006, p. 14), "armadas poderosas e frotas mercantes eram um requisito absoluto". Um governo centralizado bastante forte era outra exigência: fazia-se necessário um controle governamental rigoroso para dar conta das políticas e das metas mercantilistas, esse controle tornando-se visível através da concessão de monopólios, da edição de leis protecionistas e da elaboração e fiscalização de normas que regulamentassem a produção e a distribuição de mercadorias. As importações eram rigorosamente controladas, quando não proibidas, e a fixação de preços dos produtos nacionais no mercado interno obedecia às exigências da política mercantilista. Pedágios, impostos e regulamentações eram instrumentos de ação do Estado, tendo em vista o acúmulo de metal. "Os mercantilistas não eram a favor do livre-comércio interno, no sentido de permitir às pessoas se envolverem em qualquer comércio que desejassem. Pelo contrário, preferiam concessões de monopólio e privilégios comerciais exclusivos, sempre que pudessem obtê-los" (*idem*, p. 15).

Em oposição ao mercantilismo, os fisiocratas combaterão as práticas mercantilistas. A oposição ocorre principalmente em relação ao excesso de regulamentação e de normatização representado pela ação governamental, tão necessário para pôr em prática a política expansionista e acumuladora de metal precioso. São os fisiocratas que introduzirão (ao menos no campo econômico) a ideia de ordem natural. Até por influência da mecânica newtoniana, acreditava-se numa ordem da natureza que se

responsabilizaria por manter tudo em equilíbrio. A oposição ardorosa à regulamentação e intervenção do Estado na economia explica o lema fisiocrata: *laissez-faire, laissez-passer* (deixe fazer, deixe passar). Portanto,

os governos nunca deveriam estender sua interferência nos assuntos econômicos além do mínimo absolutamente essencial para proteger a vida e a propriedade e para manter a liberdade de adquirir. Assim, os fisiocratas se opunham a quase todas as restrições feudais, mercantilistas e governamentais, favorecendo a liberdade do comércio interno, bem como o livre-comércio exterior (*idem*, p. 35).

Finalmente, é importante salientar a importância que a agricultura tem no pensamento fisiocrático: é ela a responsável pela produção de riqueza através da geração de excedente, sendo o comércio e as indústrias estéreis, apesar de úteis.

São os pensadores clássicos que irão consagrar uma forma de "ler" economia diferente da de seus antecessores. As preocupações desses primeiros glosadores podem, de acordo com os historiadores do pensamento econômico, resumir-se a três categorias: produção, distribuição e circulação de riqueza. Consolidou-se, também a partir da escola clássica, a concepção de uma riqueza nacional como decorrência evidente da própria consolidação do Estado burguês na Europa oitocentista. O debate sobre a origem e a natureza do valor, por outro lado, fechou questão na tese ricardiana do valor-trabalho incorporado. Os principais pensadores dessa escola foram, além do já citado Ricardo, Jean-Baptiste Say e Thomas Malthus. Segundo Brue (*idem*, p. 49),

a doutrina clássica é geralmente chamada de liberalismo econômico. Suas bases são liberdade pessoal, propriedade privada, iniciativa individual, empresa privada e interferência mínima do governo. O termo liberalismo deve ser considerado em seu contexto histórico: as ideias clássicas eram liberais, em contraste com as restrições feudais e mercantilistas sobre a escolha de profissões, transferências de terra, comércio e assim por diante.

Entre os principais pressupostos clássicos, destacam-se a interferência mínima do Estado na economia, o comportamento econômico individual baseado no autointeresse (e as ideias de Smith contidas em *Teoria dos Sentimentos Morais* são modelares dessa forma de pensar) e a busca por leis explicativas que pudessem dar conta dos fatos econômicos. Também é importante ressaltar que, para os clássicos, não é apenas a agricultura que pode criar riqueza: a origem desta se encontra em todos os ramos da atividade econômica.

Adam Smith (1723-1790) é o precursor dos autores clássicos, inclusive por estabelecer um padrão de análise que seria reproduzido por seus sucessores (o sumário de *A Riqueza das Nações*, sua principal obra, é seguido quase à risca nos escritos de Malthus e Ricardo). Para ele, a riqueza de uma nação é medida pela produção total anual de um país que será consumida por um determinado número de pessoas. Portanto, a riqueza é dada pela relação entre a produção anual e a população. O que gera a riqueza é a divisão do trabalho, e o processo gerador da riqueza só encontra limites no tamanho do mercado; quer dizer, a divisão do trabalho continuará ocorrendo até o limite das possibilidades do tamanho do mercado.

Para Smith, outra característica é fundamental para a compreensão do sistema econômico: a tendência ao equilíbrio natural, tal como pode ser observado na natureza física. Ele resulta do comportamento egoísta que, voltado para o bem-estar individual, acaba por gerar o bem estar social. Como isso ocorre? Para Smith, se cada agente buscar seu próprio interesse, terá que considerar o interesse do outro: seria o exemplo de um comerciante que acaba por diminuir o preço de sua mercadoria se os clientes optam por outro comerciante que venda mais barato. Ainda, a busca do progresso individual, motivada pelo autointeresse, traria o crescimento das cidades, o aumento da eficiência econômica e o acúmulo da riqueza material.

Smith seria, então, responsável pela tentativa de compreensão do sistema econômico como um todo, particularmente no que diz respeito à alocação de recursos para os fatores de produção, aos mecanismos de autorregulação do mercado e ao modelo de crescimento. Segundo Heilbroner e Milberg (2008, p. 75),

Smith mostrou que o sistema de mercado é um processo autorregulador. A bela consequência de um mercado competitivo é que ele é seu próprio guardião. Se preços ou lucros saírem de seus níveis "naturais", determinados pelos custos, haverá forças que os reconduzirão à linha. Surge, então, um paradoxo curioso. O mercado competitivo, que tem em seu ápice a liberdade econômica individual, é ao mesmo tempo o mais rígido supervisor econômico.

Alguns anos mais tarde, Jean Baptiste Say (1767-1832) desenvolveria algumas dessas ideias precursoras, porém, agregando à fundadora teoria do valor a questão do valor de uso e da utilidade. Considerando-se discípulo de Smith, levaria o conceito de equilíbrio natural do mercado a um patamar superior. Para Say, jamais haveria superprodução ou depressão. A economia de mercado tinha como característica o fato de a oferta criar sempre uma demanda da mesma magnitude. Se o produtor, tomado individualmente, apenas produzia o que pudesse ser trocado pela produção de outro, isso "teria de ser verdade para os agregados da oferta e da demanda, quer dizer, a oferta agregada teria de ser igual à demanda agregada" (Hunt, 2005, p. 130). O mercado se equilibraria automaticamente, e esse mecanismo passou a ser chamado Lei de Say; contra essa lei, manifestaram-se alguns economistas: Bentham, Marx, Keynes e, antes deles, Malthus.

O foco de Thomas Malthus (1766-1834) é outro: o que o preocupa é a fome e a imensa miséria dos trabalhadores. Como consequência dos desenvolvimentos da Revolução Industrial, a acumulação do capital e a renda da terra se fazem a partir da apropriação do salário dos trabalhadores; assim, Malthus escreve sobre o momento do confronto dentro da elite econômica entre os interesses do capital agrário e do capital industrial, ainda nascente. Os proprietários de terra querem impostos altos de importação para os cereais para que possam praticar elevados preços internos. Os capitães de indústrias querem os cereais vendidos a preços menores para que não tenham que recompor os salários. Os pobres e miseráveis perdem, aos poucos, a parca ajuda financeira das paróquias. Malthus analisa o crescimento populacional e o aumento da produção de alimentos e chega à seguinte conclusão: não há como essa conta "bater". A população cresce a taxas geométricas, enquanto a produção de alimentos cresce a uma taxa aritmética. Os seus estudos indicavam: em pouco tempo, haveria milhões de esfomeados, a não ser que se pudesse contar com

o providencial auxílio das guerras, das pragas e das pestes. Para Malthus, essa era a tendência natural da humanidade: "independentemente do êxito conseguido pelos reformadores, em suas tentativas de modificar o capitalismo, a atual estrutura de proprietários ricos e trabalhadores pobres reapareceria inevitavelmente" (Hunt, 2005, p. 69). Essa divisão de classes era, segundo Malthus, uma consequência inevitável da lei natural. Hunt (*ibidem*) cita Malthus: "parecia que, pelas leis inevitáveis da natureza, alguns seres humanos teriam de passar necessidade. Essas são as pessoas infelizes que, na grande loteria da vida, tinham tirado um bilhete em branco".

David Ricardo (1772-1823) compartilhava com Malthus essa visão de mundo. Discordava, porém, no restante: embora houvesse uma enorme amizade pessoal entre os dois, eram inimigos intelectuais. Ricardo concordava com a ideia de o crescimento populacional ser responsável pela "corrosão" salarial do trabalhador, sempre levando esse salário ao nível de subsistência. No entanto, Ricardo complementou a teoria de renda da terra malthusiana, explicando-a da seguinte maneira: "o preço dos cereais, em relação ao preço das mercadorias industrializadas, era regulado pela tendência do trabalho e do capital, quando empregados em terras cada vez menos férteis, a produzir cada vez menos cereais" (*idem*, p. 87). Quer dizer, eram as terras menos férteis que determinavam a renda das terras mais férteis.

As ideias desses fundadores das ciências econômicas são ainda debatidas e analisadas à exaustão: do tempo em que a economia política buscava por um estatuto de ciência que a diferenciasse da filosofia moral, as obras desses autores ainda trazem as marcas – indeléveis – de um período em que juízo moral e ciência podiam – e deviam – estar próximos.

Saiba mais

Ao contrário do que se imagina, a Revolução Industrial não correspondeu a invenções técnicas que fossem fruto de desenvolvimentos científicos notáveis. Em verdade, segundo Hobsbawm, em *A Era das Revoluções* (p. 22),

suas invenções técnicas foram bastante modestas, e sob hipótese alguma estavam além dos limites de artesãos que trabalhavam em suas oficinas ou das capacidades construtivas de carpinteiros, moleiros e serralheiros: a lançadeira, o tear, a fiadeira automática. Nem mesmo sua máquina cientificamente mais sofisticada, a máquina a vapor rotativa de James Watt (1784), necessitava de mais conhecimentos de física do que os disponíveis então há quase um século (...) e podia contar com várias gerações de utilização, prática de máquinas a vapor, principalmente nas minas.

Adam Smith, usando o exemplo de uma fábrica de alfinetes, mostrou como a divisão de trabalho gerava riqueza, por meio do aumento da produtividade, em *A riqueza das nações*:

Um operário desenrola o arame, um outro o endireita, um terceiro o corta, um quarto faz as pontas, um quinto o afia nas pontas para a colocação da cabeça do alfinete; para fazer uma cabeça de alfinete requerem-se três ou quatro operações diferentes; montar a cabeça já é uma atividade diferente, e alvejar os alfinetes é outra; a própria embalagem dos alfinetes também constitui uma atividade independente. Assim, a importante atividade de fabricar um alfinete está dividida em aproximadamente 18 operações distintas, as quais, em algumas manufaturas, são executadas por pessoas diferentes, ao passo que, em outras, o mesmo operário às vezes executa duas ou três delas (...) Se, porém, tivessem trabalhado independentemente um do outro, e sem que nenhum deles tivesse sido treinado para esse ramo de atividade, certamente cada um deles não teria conseguido fabricar 20 alfinetes por dia, e talvez nem mesmo 1.

- - - - - EXERCÍCIOS - - - - -

1) (Provão de Economia, 1999, com modificações) Vários autores assinalam a importância do Estado para o desenvolvimento do capitalismo industrial na Inglaterra. Que fatos vinculados à ação do Estado estão na origem imediata da Revolução Industrial inglesa, ocorrida a partir da segunda metade do século XVIII?

I – O surgimento dos mercados fornecedores de matérias-primas e consumidores de produtos manufaturados, mercados esses localizados nas terras descobertas pelas navegações dos séculos XV e XVI, apoiadas pelo Estado.

II – A integração do mercado interno e a formulação de leis reguladoras das atividades econômicas.

III – O apoio à circulação de moedas nacionais e à formação de um exército nacional e profissional.

Em relação a essas afirmativas, pode-se dizer que:

- a) apenas a I está incorreta;
- b) apenas a II está incorreta;
- c) apenas a III está incorreta;
- d) todas estão incorretas;
- e) todas estão corretas.

2) (Provão, Economia, 2002, com modificações) A expressão "Revolução Industrial" originou-se do título de livro homônimo, de autoria do historiador inglês T. S. Ashton, e serve para designar um conjunto de mudanças – sobretudo econômicas – operadas na Europa ocidental a partir de meados do século XVIII.

Avalie as proposições acerca dos fenômenos que ajudaram a inaugurar a era industrial.

I – Aplicações industriais e na economia agrícola de inovações tecnológicas.

II – Surgimento de uma classe de empresários, dispostos a investir capital.

III – Surgimento de uma classe de empregados, dispostos a vender sua força de trabalho em troca de salário.

Em relação às assertivas:

a) apenas a I está incorreta;

b) apenas a II está incorreta;

c) apenas a III está incorreta;

d) todas estão incorretas;

e) todas estão corretas.

3) (Enade, Economia, 2006, com modificações) "...a certa altura da década de 1780, (...), foram retirados os grilhões do poder produtivo das sociedades humanas" (Hobsbawn, 1977). O autor se refere ao processo de transformação socioeconômica de grande profundidade que eclode na Inglaterra, consagrado como Revolução Industrial. Há características que lhe são específicas, entre as quais podem ser apontadas:

I – mudanças tecnológicas de base científica.

II – aplicações tecnológicas na agricultura e na indústria.

III – crescimento gradativo das pequenas indústrias familiares.

Estão corretas:

a) I, apenas;

b) II, apenas;

c) I e III, apenas;

d) II e III, apenas;

e) I, II e III.

4) R. Helbronner, em *A construção da sociedade contemporânea*, afirma, sobre a Revolução Industrial, que

fica difícil para nós, hoje em dia, entender o ritmo e a qualidade da mudança que esse aparecimento do trabalho fabril criou. Até a metade do século XVIII, Glasgow, Newcastle e Rhondda Valley eram terras sem uso ou terras agrícolas, e Manchester foi descrita por Daniel Defoe como "um simples vilarejo". Quarenta anos depois, havia cem moinhos integrados e todo um aglomerado de fábricas de máquinas, forjarias e fábricas de couro e produtos químicos na área. Havia sido criada uma cidade industrial moderna.

Sobre a Revolução Industrial, pode-se afirmar que:

I – É possível descrevê-la como a transformação de uma sociedade essencialmente comercial e agrícola numa época em que a manufatura industrial passou a ser o modo dominante de organização da vida econômica.

II – É possível descrevê-la como o conjunto de manifestações de descontentamento das instituições religiosas e associações empresariais em relação aos ganhos salariais das antigas classes camponesas, agora transformadas em operários das fábricas.

III – É possível descrevê-la como resultado do aumento significativo da produtividade, causado basicamente pela adoção de novas tecnologias.

Sobre essas afirmativas:

a) apenas a I está incorreta;

b) apenas a II está incorreta;

c) apenas a III está incorreta;

d) todas estão corretas;

e) todas estão incorretas.

5) (UEPG, 2006, com modificações) A chamada Revolução Industrial foi um processo iniciado na Inglaterra e envolveu, entre outras coisas, grandes transformações sociais e tecnológicas. Sobre a Revolução Industrial, assinale o que for correto.

- a) Corresponde ao aumento das relações comerciais internacionais entre os países da Europa;
- b) Substituiu, aos poucos, as velhas corporações pelas oficinas de manufatura;
- c) Representou um período de riqueza para os trabalhadores, que passaram a receber mais do que ganhavam no setor da agricultura;
- d) Teve início na França, depois disseminando-se entre as colônias inglesas;
- e) Representou um período de aumento da produtividade, tanto no setor agrário como no nascente setor industrial.

6) Adam Smith (*apud* Santos, 2003), em seu *A riqueza das Nações*, de 1776, afirma que

o aumento da produtividade do trabalho depende da divisão social do trabalho. Quanto mais especializado for o trabalho dos indivíduos entre atividades e dentro de atividades, maior será a produtividade do trabalho e, portanto, maior a produção de objetos úteis. Isso decorre de três motivos: primeiro, com a divisão do trabalho economiza-se tempo gasto em cada tarefa, pois o trabalhador, ao fixar sua atenção numa só operação, eleva substancialmente sua habilidade e destreza para executá-la. Segundo, economiza-se tempo na passagem de uma tarefa para a outra. Terceiro, a especialização do trabalho cria a oportunidade de utilizar ferramentas ou instrumentos também especializados para cada tarefa, o que torna mais efetivo o trabalho executado. Mas, se um indivíduo se especializa numa determinada atividade, ele produz somente um tipo de objeto útil. Nesse caso, como conseguiria obter os demais objetos que lhe são úteis? Por que ele abdicaria de produzir tudo aquilo de que necessita para produzir somente um único produto? Porque o aumento da produtividade decorrente dessa especialização gera um excedente de produção: cada indivíduo produz mais de um objeto do que necessita. Com esse excedente, pode obter os demais objetos por meio de uma troca. O indivíduo deixa de produzir para si próprio e passa a produzir para os outros ou para o mercado.

Considerando o exposto no trecho proposto, percebe-se certa relação entre divisão do trabalho e propensão às trocas dos indivíduos, que é, de acordo com Smith, um elemento inato da natureza humana. Percebe-se também que a divisão do trabalho,

- a) diminui significativamente a capacidade de produção, uma vez que cada trabalhador não é mais capaz de acompanhar todo o processo de produção de mercadorias;

- b) não interfere para uma maior ou menor capacidade de produção, uma vez que todo o trabalho é comandado por um capitalista, dono das empresas;
- c) interfere para uma maior ou menor capacidade de produção, uma vez que todo trabalhador faz parte agora de uma maior distribuição de riqueza a partir do recebimento de seu salário;
- d) multiplica enormemente a capacidade de produção devido à elevação da eficiência e da produtividade, por outro lado tornando o trabalhador incapaz de acompanhar qualquer processo completo de produção;
- e) aplica-se unicamente às atividades industriais, em especial àquelas em que é possível medir a capacidade de produção, já que no setor de serviços não há possibilidade de existir divisão do trabalho devido às características de intangibilidade da produção do setor.

Resolução dos exercícios

1. e) todas estão corretas.

Todas as afirmativas estão corretas na apresentação de fatos e ações vinculados ao Estado.

2. e) todas estão corretas.

Todas as afirmativas estão corretas. Não teria havido Revolução Industrial sem a revolução tecnológica, sem o surgimento de uma classe de empresários e sem o surgimento de uma classe de empregados.

3. a) I, apenas.

A segunda afirmativa refere-se ao século posterior. Em III, é incorreto afirmar sobre o crescimento gradativo das indústrias familiares: ao contrário, elas perdem importância ao longo dos anos.

4. b) apenas a II está incorreta.

A afirmativa II está incorreta: não há qualquer relação entre a Revolução Industrial e o descontentamento das instituições religiosas ou associações empresariais no que respeita aos ganhos salariais dos trabalhadores.

5. e) Representou um período de aumento da produtividade, tanto no setor agrário como no nascente setor industrial.

Todas as demais são incorretas: o aumento das relações comerciais entre os países diz respeito à Revolução Comercial. Na Revolução Industrial (que teve início na Inglaterra, depois se espalhando pela Europa), as velhas corporações e as oficinas de manufaturas foram sendo, aos poucos, substituídas pelas fábricas. Nelas, os operários recebiam salários baixos e viviam em condições piores do que nos períodos anteriores.

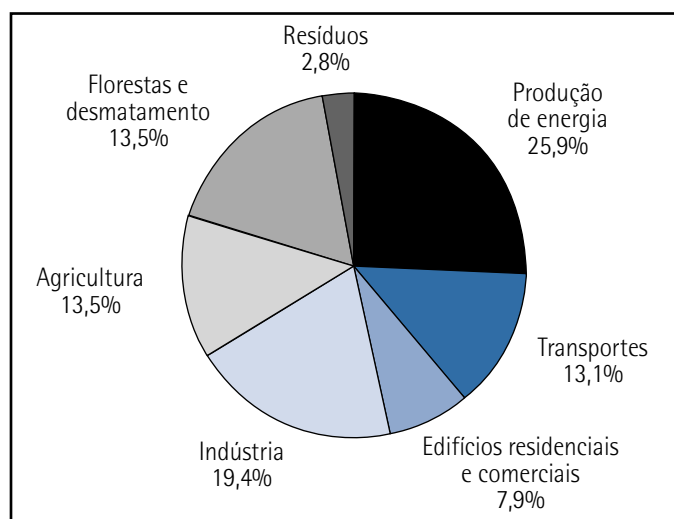
6. d) multiplica enormemente a capacidade de produção devido à elevação da eficiência e da produtividade, por outro lado tornando o trabalhador incapaz de acompanhar qualquer processo completo de produção.

A capacidade de produção aumentou sobremaneira em função das intervenções tecnológicas.

Veja a seguinte situação: há relação entre qualidade ambiental e atividades econômicas?

Vamos pensar um pouco mais?

Situação 1 – Sérgio Cortizo, bacharel e Mestre em Física e Doutor em Filosofia, afirma que as emissões antrópicas (causadas pelos seres humanos) originam-se de diversas atividades econômicas. O gráfico a seguir nos mostra a participação dos principais setores da economia mundial nas emissões globais de gases de efeito estufa em 2004:



Origem das emissões antrópicas de gases de efeito estufa em 2004 (IPCC, AR4, WG3)¹².

¹² Disponível em <http://www.sergio.cortizo.nom.br/mitigacao.html>. Acesso em 1 novembro de 2010.